



## POÉTICAS DE ENSINO ARTICULAÇÃO REFLEXIVA ENTRE O TERRITÓRIO VISUAL E SUBJETIVIDADES NA LICENCIATURA EM ARTES VISUAIS

Silvia Carla Marques Costa  
Silvia3unifap@gmail.com  
Universidade Federal do Amapá - UNIFAP

ISSN 2316-6479

### Resumo

Este texto discute a Licenciatura em Artes Visuais tendo como foco maneiras de problematizar e repensar seus espaços educativos. Considera as imagens e a produção de artefatos culturais como mediadores de subjetividades que podem desestruturar conceitos, percepções e modos de ver a docência. Experiência coletiva, imagens e a produção de artefatos articulam possibilidades de um ensino poético que pode tornar-se potencia para reflexões e perspectivas de construção de saberes durante o processo de formação docente.

**Palavras chave:** Imagens, Cultura Visual e licenciatura em artes visuais


### Abstract

This paper discusses the Visual Arts Teacher Training Program focusing ways to questions and rethinks their educational spaces. Images and the production of artifacts are regarded as mediators of subjectivities which may dismantle concepts, perceptions and ways of seeing teaching. Collective experience, images and the production of artifacts articulate possibilities for poetic teaching that may become a source or power for reflections and perspectives in the construction of knowledge during the teacher training process

**Key Words:** Images, Visual Culture and degree in visual arts

Este texto carrega sensações que permanecem em minhas reflexões cotidianas de professora, elas vêm desde o momento em que finalizei a pesquisa de uma pesquisa mestrado no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Faculdade de Artes Visuais (UFG) e acrescentar a essas sensações as considerações feitas pela banca durante a defesa.

Duas considerações, naquele momento, me fizeram refletir e articular outras ideias sobre a pesquisa. A primeira, diz respeito às práticas, a experiência estética e o fazer artístico na licenciatura. A segunda faz referência à necessidade de enlace entre teoria e prática discutida em todo corpo da dissertação. Ambas as considerações tornaram-se companheiras gerando curiosidade reflexiva na minha prática pedagógica na Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) onde atuo como professora.



As considerações da banca e as reflexões decorrentes pavimentaram meu retorno a Instituição de Ensino Superior (IES) resultando na reelaboração da disciplina Pesquisa em Arte e na criação do Grupo de Pesquisa “Poéticas de Ensino e Cultura Visual”.

Assim, reflexão, ação e escrita, incluindo este texto, têm como foco a compreensão de que o trabalho de formação docente deve exercer um impacto qualitativo na subjetividade de futuros professores de artes visuais. Desse modo, esta discussão busca compreender como futuros professores de artes visuais em seus processos de aprendizagem, acolhem diferentes dimensões das atividades realizadas na licenciatura, refletindo sobre as contingências e negociações de suas identidades com vistas à formação do professor pesquisador.

Neste sentido, o texto se desdobra em duas partes: 1) a percepção de que tempos e espaços educativos imprimem concepções de ensino e aprendizagem para além dos conceitos e apostilas frequentemente utilizados ou produzidos como fonte de aquisição de conhecimento; 2) a condução e participação dos alunos como parceiros de aprendizagens que possam influenciar as subjetividades desse(S) sujeito(S) que se encontram em constante formação.


Desse modo o texto procura detalhar, sem, contudo territorializar e, nem tão pouco concluir, pois percebo que os argumentos geram interfaces reflexivas que ainda se encontram em fase embrionária. Porém seus desenhos já aparecem, e sob linhas rascunhadas o desenho busca compreender que a licenciatura agencie a participação de professores e alunos como sujeitos inteligíveis e sensíveis.

Assim incorporo o uso de imagens à minha prática docente buscando tirar proveito da força afetiva que elas podem suscitar ao articular questões subjetivas e identitárias ajudando despertar, expressar, silenciar e criticar desejos num mundo marcado por conflitos, homogeneizações e instabilidades.

### **Imagens não são meras ilustrações**

Abordar um subitem acerca das imagens tangencia a reflexão de elas, hoje potencialmente são parte integrante na nossa vida contemporânea e que de certa forma ajudam, intervêm, interferem e compõem as subjetividades dos sujeitos, ademais que estes artefatos, impulsionam atualmente a emergente discussão sobre o ensino de arte que aproxime arte e vida dando sentido crítico e inclusivo a visão e que, portanto precisam ser integrados a discussão com a cultura visual ainda na formação de professores de artes visuais de forma ampliada.

Sem dúvida esta entre tantas outras considerações – porém neste momento pelo espaço do texto será breve - surge em decorrência da avalanche de imagens que nos sitia diariamente, mas, sobretudo, pela facilidade com



que os indivíduos convivem e até mesmo submergem nessa extensa gama de recursos e sedução imagéticos que nos atravessam tais como a publicidade, o cinema, a TV, a internet, revistas, *outdoors* e assim por diante. De maneira sorrateira, as imagens tornaram-se protagonistas da sociedade contemporânea transformando-se numa espécie de matriz de cultura, agentes de socialização que reclamam uma atitude crítica.


A circulação e o grande acesso às imagens geraram a necessidade de explicar a relação entre o “sujeito que olha, isto é, o espectador/intérprete e o objeto do seu olhar” (MARTINS, 2008, p. 30), relação subjetiva que transcende o ato de observação. A relação entre olhar, sujeito e objeto possibilitou uma nova compreensão sobre a visão, momento que ficou conhecido como ‘virada pictórica’. De acordo com Knauss (2006, P. 107), essa “perspectiva, importa, sobretudo, não tomar a visão como um dado natural e questionar a experiência visual.”

‘Ver’ pressupõe estabelecer um diálogo com imagens e desencadeia narrativas multireferenciais de espaços, tempos de vivências e experiências sociais e culturais. Essas referências configuram o ver como ato interpretativo permeado por processos envolvidos na construção de significados ensinados e aprendidos cultural e socialmente com os grupos aos quais pertencemos. Ou seja, no desenrolar da ação interpretativa surgem narrativas que interligam e dão sentido às noções sob as quais somos ensinados a ver.

O ato de ver desvela posicionamentos e concepções sobre o visto e o não visto, ou, ainda, sobre o aparentemente visível e a ausência do visível, inegavelmente gerados e atravessados por sentidos construídos, formatados culturalmente. Tal processo constrói uma profunda interação entre imagem e público.

Em virtude dessa mudança de concepção sobre o ver, inexistente a condição de um olhar contemplativo, de apreciação por si só. Inexistente, também, a condição de um sujeito apto a decodificar significados específicos e especiais. Assim, o sujeito ocupa um lugar de interprete que lhe permite fazer interpretações em sintonia com suas relações sociais, com o lugar onde se posiciona – de onde e como vê - e é freqüentemente solicitado a se deslocar e se reposicionar em suas interpretações.

A interpretação é foco para colocar a visão como construção social e buscar compreender as maneiras como são construídas. Perceber e interagir com esses processos são caminhos para buscar compreender os modos como pensamos e agimos na docência. Nesse sentido, interpretar é por em consideração a construção de narrativas considerando que “tanto as imagens quanto os discursos sobre elas dizem muito do que somos ou do que identificamos como humano, como nosso” (TOURINHO, 2009, p. 149). Essa compreensão põe em perspectiva relações sociais, vivências e experiências culturais dos sujeitos que, em consequência,



ampliam sobremaneira a noção de como são construídas as subjetividades, ou seja, a relação do interprete com arte, imagem, e artefatos da cultura visual.

Assim podemos dizer que as visualidades, como construções sociais, também são resultantes de relações dialógicas entre o objeto e o interprete, incitando reflexões sobre o território visual e discurso sobre o visual<sup>1</sup>. O território visual, como conjunto ilimitado de imagens, disponibilizado por uma frenética circulação e exposição, condiciona um assombroso mecanismo de sedução, fascinação e construção de modos de ver.

A interpretação é parte da noção de ver entendida como construção coletiva vinculada a processos de representação que levam à auto identificação e ao sentimento de pertencimento. As interpretações passam a existir independentemente da fonte que as cria ou que põe as imagens em circulação. Mas, o que torna relevante o processo de interpretação são os sentidos e os modos como vemos e interagimos com as imagens.

Desse modo, podemos dizer que a interpretação é um posicionamento sobre o visual, sobre o que estamos vendo, ou seja, o sentido que supostamente imputamos a uma imagem. Os discursos sobre o visual “acomodam sentidos e valores criados com e para imagens” (TOURINHO, 2009, p. 144) intensificando relações, ajustando concepções nas idas e vindas da trajetória cultural, plasmando visualidades.


Assim, o interesse acerca do território visual tem como foco as representações que se apresentam em nosso cotidiano, sobretudo as visualidades potencialmente construídas para provocar um fascínio sensorial diversificado. Nesse contexto é importante considerar que os outros sentidos também corroboram para seduzir e, conforme observa Knauss (2006), “a visão deve ser tratada como uma matriz que inclui outros sentidos” (p. 114) com cruzamentos entrelaçados de práticas e discursos culturais, acionando subjetividades que orientam e conduzem ações no dia a dia, numa confluência entre imaginário e realidade.

### **Imagem e Visualidades – construindo interpretações**

Compreendendo as visualidades como construções sociais, mesmo que a centralidade seja a imagem, não se podem descartar vínculos com vetores verbais, auditivos, emocionais, físicos, intelectuais, espaciais e históricos. Essas relações devem ser vistas como “interações dinâmicas que se deslocam e acomodam provisoriamente de acordo com as posições, interesse e interlocuções nas relações sociais” (FISCHMAN, 2008, p. 116). Entender as visualidades como

---

1 Por discurso entendo a conexão com experiências estéticas e com as vivências realizadas através de formas diversas e variadas onde combinadas de discursos – fala, escrita, gesto, Imagens, sons.



processos constituintes e construidores de realidades é necessário tanto para investigar a percepção quanto a recepção de imagens, agenciadas pela mediação de condições culturais, sociais e econômicas que envolvem os produtores e os usuários da cultura visual.

As imagens são ideológicas e, na sociedade visual/imagética contemporânea, elas ganham poder e vitalidade ao propiciar experiências sociais e culturais que influenciam “comportamentos, induzindo preferências, simulando desejos e expectativas” (MARTINS; PEREIRA; VALENÇA 2008, p. 245) que invadem e tornam-se referência no nosso cotidiano.


Desse modo, a cultura visual intenta, então, revelar um panorama diverso, complexo e acima de tudo crítico em relação à experiência no campo visual. Pretende, também, descortinar o mecanismo silencioso, aparentemente desinteressado, do espetáculo das imagens que reforça estereótipos, alimentam narrativas e mantém ideologias que indicam *modus* de saber e poder através de “formas socializadas de ver instauradoras de tecnologia de clivagem, fixação, homogeneização, controle e produção de posicionamentos identitários”. (MARTINS; PEREIRA; VALENÇA 2008, p. 248). Além de propor uma revisão do estatuto social da arte e da imagem, a cultura visual oferece ampla interrogação sobre a cultura e os acessos às subjetividades dos sujeitos sociais que de outro modo passariam despercebidas.

Compreender a articulação entre imagem e discurso sobre o visual, inscrita na posição de quem os aciona, revela que não há neutralidade nessas relações, além de rejeitar, sobretudo, que as representações possam ser reflexo da realidade.

Uma imagem é acima de tudo, uma representação de significados, e seus elementos visuais são relevantes, não por que podem ser assinalados de maneira isolada e descontextualizada, mas pela sua contribuição à produção de significado de uma maneira sistemática. (HERNÁNDEZ, 2009, p. 199)

Neste sentido, interesses sobre o território visual já despontam nos âmbitos universitários tanto nas áreas das ciências humanas quanto nas das ciências sociais. Entretanto, na esfera da educação básica, este interesse ainda é incipiente (CIAVATTA, 2008) no que se refere às pesquisas e, ainda, à compreensão sobre o uso pedagógico das imagens.

A onipresença da imagem, impulsionada pelos aparatos tecnológicos de fácil acesso que difundem signos, símbolos, informação, e que, “pode ser vista e tratada como espaço de experiências múltiplas” (MARTINS, 2008, p. 31), interpelando e invadindo sem controle o nosso cotidiano. Assim as imagens e os discursos sobre elas não pode simplesmente ser ignorada por professores/as, especialmente os de



arte. Na formação pedagógica, as artes visuais tem grande potencial para instaurar e mediar a relação imagem-espectador através da educação para a cultura visual, fundamentada numa orientação pós-crítica que discuta aspectos subjetivos sobre os quais as imagens exercem considerável impacto.

Diante da inegável presença das imagens e da necessidade de tomá-las como foco do currículo de artes no ensino básico para construir uma percepção crítica com os sujeitos da educação, toco num ponto que considero crucial nesta reviravolta de concepção do ensino das artes visuais na escola básica: a formação dos professores de artes visuais.

### **Ponto de parada, ponto de partida: revisões que desenham um processo**

Teixeira (2005), referindo-se as reflexões de Fischer quanto a formação de professores, elabora severas críticas a este campo de experimentação da docência assegurando que “o professor está muito abandonado, mal informado, mal preparado. ‘Não existe alguém que é crítico diante daquilo que não conhece’” (p. 196). Desse modo, minha reflexão me instiga e aproxima da compreensão que, em geral, temos do professor depois de formado, como um sujeito imbuído de uma atitude crítica. Porém, temos dificuldade em descrever e caracterizar como esta atitude crítica é construída.


Nessas condições circunstanciadas pela compreensão de que a imagem faz mediações e opera nas subjetividades dos sujeitos me proponho na aventura de tratar a sala de aula como espaço de descoberta e de experimentações levando em conta a diversidade e a inventividade nos processos de *aprenderensinar*<sup>2</sup> e, em consequência, seus descentramentos.

Compreendo que gerar descentramentos sobre conhecimento e docência é perceber os desdobramentos de minhas aprendizagens no meu percurso como docente. Neste intento, mais adiante no texto, tomo como referência e coloco em evidência mecanismos que compuseram a minha formação. Diante de algumas constatações e, colocando-me como formadora de futuros professores, busco repensar essa formação partindo da necessidade de discutir o impacto e, de certa forma, a operacionalização da constituição de nossas subjetividades nesse processo. Busco, também, através dos princípios da cultura visual, problematizar visualidades docentes, práticas pedagógicas e noções de investigação.

A perspectiva de educação para a compreensão crítica da cultura visual se intensifica pela grande exposição das imagens e das representações como

---

2 Explico o termo – *aprenderensinar* – como objetivo mostrar que só podem ser compreendidos em referência um ao outro e jamais de maneira oposta e mesmo dicotomizada, como nos ensinou a ciência moderna.



“portadoras e mediadoras de posições discursivas que contribuem para pensar o mundo, pensarmos como sujeitos, e que fixam a realidade de como olhar e ser olhado” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 38). Desse modo urge a necessidade de trabalhar sob esta perspectiva na esfera das licenciaturas em artes visuais.

Também considero a necessidade de situar a compreensão crítica da cultura visual como espaço de mudança tanto na (re)construção de um currículo de arte que se faça mais próximo da vida cotidiana contemporânea, quanto para mobilizar, diversificar e ampliar modos de olhar. Tal espaço busca, então, modos de olhar reflexiva e criticamente – de professores e alunos - as representações, redimensionando as discussões sobre a formação de professores a partir das demandas e conflitos da educação no sec. XXI.

O que venho desejosamente experimentando no Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UNIFAP, tomando como referência algumas reflexões descritas anteriormente, são contextos basilares para a minha ação pedagógica. Tais ações mantêm em perspectiva a complexidade que a sociedade vive, sobretudo, desvinculando ideias e conceitos de aprendizagens como mera transmissão de conhecimento.


Impactar as subjetividades dos acadêmicos intervindo através de ações pedagógicas e processos sensíveis/inteligíveis é uma tentativa de desembrutecer os sentidos. Este processo vem sendo vivenciado através de experimentações e atividades com a produção de artefatos visuais que denomino de “ensino poético”.

A produção, percepção, observação, narração e descrição dos links, sensações, conflitos, impossibilidades, consensos, ajustes e referências teóricas que os acadêmicos escolheram, construíram e vivenciaram durante o processo de produção dos artefatos culturais, desenham o contorno dessa investida para um “ensino poético” que se fundamenta numa concepção crítica da cultura visual.

A cultura visual possibilita ações instigantes sobre as possibilidades e diversidades dos modos de ver desmistificando-os e desnaturalizando-os. Provoca e remexe a condição do ver ressaltando seus aspectos ambíguos, provisórios, circunstanciais e transitórios.

Acredito que, nos cursos de licenciatura, articular princípios da cultura visual com aspectos da ação pedagógica, examinando a diversidade de modos como imagens e visualidades são construídas, é uma maneira de trilhar caminhos sinalizando alternativas para o ensino e a aprendizagem.

Intensifico essa experiência nas disciplinas que ministro na UNIFAP abrindo espaços para ideias, sensações e reflexões que, num processo dinâmico, sejam desconstruídas, revistas e refeitas maneiras de pensar sobre determinado conteúdo. Além de provocar a dúvida o estranhamento se faz presente, investida



num descentramento de conhecimentos, mas, sobretudo, relocando a atuação, as formas de ver, entender, aprender e ensinar dos futuros professores. Através de encontros, conflitos e contradições, penso que as subjetividades podem ser impactadas por outras concepções de mundo, de aprendizagem e de ensino. Percorrendo trilhas, pinçando e criando alternativas para a singularidade de reflexões críticas que estejam em sintonia com as demandas e complexidades do ensino de arte na contemporaneidade.

Apesar da área de artes, como disciplina, estar oficialmente incorporada às escolas do ensino básico desde o início da década de 1970, e das conquistas políticas que levaram à criação de cursos de licenciatura em artes visuais, esses deslocamentos conceituais ainda são pouco expressivos. Alguns cursos, incluindo o da UNIFAP, parecem alheios às transformações sócio-pedagógicas e culturais que ocorrem fora dos seus muros, optando por uma “capa de profissionalização em um âmbito disciplinar técnico” (HERNÁNDEZ, 2005, p. 39). Essa “capa de profissionalização” reforça discussões que se balizam pelos aportes consolidados do sistema das belas artes, desconsiderando o uso de imagens da cultura visual e intensificando a ausência de reflexões sobre uma abordagem didático-pedagógica crítica que vá além da ideia de que as imagens exercem uma nefasta influência sobre os sujeitos sociais.


A discussão sobre as imagens na grande maioria dos cursos de licenciatura continua a se pautar por uma prática de ensino que se fundamenta na perspectiva de adquirir competências visuais (HERNÁNDEZ, 2009), quase sempre enaltecendo obras do circuito artístico instituído e legitimado como sendo o ‘melhor’ da arte e da cultura.

A matriz do curso onde, depois de formada passei a atuar, permanece praticamente intacta. Algumas novas concepções de percepção vinculadas às tendências da semiologia foram gradativamente incorporadas. Entretanto, são escassas as discussões que problematizem não apenas os direcionamentos, mas, especialmente a construção de determinadas maneiras de ver e produzir visualidades e o impacto que o território visual exerce na s subjetividades.

Chamo atenção para o fato de que os discursos e direcionamentos propostos em um currículo juntam-se ao imaginário e aos trajetos pessoais e coletivos dos sujeitos contribuindo para e reverberando na ação pedagógica. Tais discursos e direcionamentos também contribuem e são decisivos na construção identitária docente.

Dermatini (2008) propõe e defende a importância de tornar audíveis as vozes dos futuros professores através de suas histórias autobiográficas. A autora é otimista quando acredita numa nova epistemologia de recondução do sujeito e da





subjetividade como capitais para a realidade social educativa e, também, para a docência. Segundo ela, os “sujeitos constituem-se na diversidade e é na diversidade de situações/experiências que as relações ocorrem no campo educacional, não se podendo excluir qualquer elemento da trama que o constitui” (p. 45).

Ouvir as histórias de cada um, discutir e interpretar imagens que representam a docência na formação de professores de artes visuais é recolocar o sujeito da educação no centro do debate “compreendendo a identidade como um lugar de lutas e conflitos que delineiam maneiras de ser e estar na profissão”. (PACHECO, 2008, p. 252)

Orientar-se pela perspectiva da cultura visual para levantar discussões durante o processo de formação nas licenciaturas, usando imagens veiculadas pela mídia, imagens de arte, discursos sobre o visual e outras ações pedagógicas é compreender que tais artefatos delineiam e produzem “realidades”.


A cultura visual oferece, hoje, espaço profícuo de questionamentos sobre o ver e ser visto. Nesse sentido, “não se trata, apenas, de uma opção pedagógica (...). Reforça uma atitude política, no sentido mais abrangente do termo, de enfrentamento às constantes tentativas de naturalização e de manutenção do sistema educacional atrelado ao passado” (NASCIMENTO, 2009, p. 41). Assim, a premissa que guia as reflexões da cultura visual, solicita uma desconfiança em relação às abordagens prescritivas de interpretar arte e imagens.

Considero que a relação entre intérprete e imagem não se constrói a partir de interação determinista e, sim, dialógica. É uma interação que visa contribuir para dar sentido ao pensamento e às experiências. É, ainda, interação que desloca posicionamentos sobre as práticas pedagógicas compreendendo-as como imersas no cotidiano e em batalhas de interesses nas quais as culturas da imagem tem espaço privilegiado.

Oferecer outros meios de abordar e compreender a imagem explorando as vivências culturais que as visualidades colocam em jogo, é atitude que reforça a construção de um pensamento crítico e reflexivo, indispensável à formação de professores. Posicionando-me dessa maneira, busco dar outros contornos para ação educativa e investigativa no espaço acadêmico, em específico as disciplinas que leciono, fazendo do ensino poético atitude movente de investigação permanente relacionando momentos de ensino e aprendizagens sem hierarquizá-los.

### **Insistindo em não concluir**

As ideias de arte, imagem, ensino, professor e aprendizagem ganham uma perspectiva ampliada no debate contemporâneo da educação em arte,



especialmente no que diz respeito às práticas de formação de professores. Para seguir minha caminhada, fui elegendo alguns tópicos: reconsiderar o imaginário sobre o bom professor, redefinir conceitos de identidade e desconfiar das representações da docência.

Considero que as identidades, minhas e dos futuros professores de artes visuais que me acompanham nas aulas na UNIFAP, estão em transformação permanente, em processo aberto circunstanciados pelo aprenderensinar. Então, “é vital para a educação que estudantes e educadores conscientizem-se das maneiras e razões pelas quais são atraídos pelas imagens que infestam o cotidiano”. (DIAS, 2008, p. 38)


Observar, discutir e refletir sobre a formação inicial é colocar em pauta a responsabilidade das instituições formadoras de professores, o agenciamento dos formadores e as matrizes curriculares dos cursos de artes visuais frente à necessidade de desconstruir concepções que desqualificam os saberes dos sujeitos praticantes, tornando-os agenciadores, questionadores e transformadores nas escolas e na sociedade. Nessa direção, acompanho Dias (2008) quando adverte que os cursos de formação de professores em artes visuais “tem que enfrentar a necessidade social de desafiar as noções predominantemente formalistas dos seus currículos” (p. 40).

A partir desse enfrentamento imagino poder percorrer caminhos múltiplos e fazer das leituras das imagens, leituras de mundo. Caminhos que dêem acesso e nos movam do ensino retórico, escolástico, para um ‘ensino poético’ que visa à descoberta, a inventividade e a interpretação dos sentidos dos saberes.

É, também, neste enfrentamento que imagino e busco colocar os sujeitos em discussão com a própria vida, pois a escola, talvez, ainda seja o único lugar onde as diferenças podem ser problematizadas, e, portanto, requer que o professor construa na sua formação uma noção dialógica e interpretativa das vivências. O ensino poético vislumbra trânsitos, descentramentos e convidam todos a uma ação educativa viva, produtiva e criadora colocando-nos no mundo como sujeitos professores pesquisadores.

## Referências

Clavatta, Maria. Educando o trabalhador da grande “família” da fábrica – na fotografia como fonte histórica. In: Clavatta, Maria; Alves, Nilda (orgs.). **A leitura de imagens na pesquisa social: História, comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2008, pp. 37-62.



DERMATINI, Zélia de Brito Fabri. Das histórias de vida às histórias de formação. In: SOUZA Elizeu Clementino e MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (orgs.). **Histórias de vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: Quartet: FAPERJ, 2008, pp. 39-64.

DIAS, Belidson. Pré-acoitamentos: os locais da arte/educação e da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE; Programa de Pós-Graduação em Cultura Visual (PPGCV), 2008 (Coleção Desenredos, 3), p. 37-57.

FISCHMAN, Gustavo E. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda (orgs.). **A leitura da imagem na pesquisa social: história, comunicação e educação**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 109-126.

HERNÁNDEZ, Fernando. Da alfabetização visual ao alfabetismo da cultura visual. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs). **Educação e cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009, pp.189-212.

\_\_\_\_\_. A construção da subjetividade docente como base para uma proposta de formação inicial de professores de artes visuais In: \_\_\_\_\_; OLIVEIRA, Marilda (orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. Santa Maria: Editora UFSM, 2005.


KNAUSS, Paulo. O desafio de fazer história com imagens: arte e cultura visual. **Artcultura**. Uberlândia, v. 8, n. 12, p. 97-115, jan./jun. 2006.

MARTINS, Raimundo. Conflitos e acordos de cooperação nos trânsitos das visualidades na educação escolar. In: MARTINS, Raimundo (Org.). **Visualidade e educação**. Goiânia: FUNAPE, 2008, p. 97-109 (Coleção Desenredos).

\_\_\_\_\_. A cultura visual e a construção social da arte, da imagem e das práticas do ver. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, educação e cultura**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2007, p. 19-40.

\_\_\_\_\_. PEREIRA, Alexandre; VALENÇA, Kelly Bianca Clifford. Um olhar 'formatado'. **Visualidades**: Revista do Programa do Mestrado em Cultura Visual. Goiânia: Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG), v. 6, n.1-2, p. 1679-6748, jan./jun.-jul./dez. ISSN 1679-6748.

NASCIMENTO, Erinaldo Alves do. Representação de morte para aproximar a escola da vida: uma experiência com a cultura visual no ensino básico. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Educação e cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009, p. 39-60



PACHECO, Dirceu Castilho. Por outras narrativas das escolas e de seus sujeitos- praticantes: possibilidades dos/nos registros cotidianos. In: SOUZA, Elizeu Clementino de; MIGNOT, Ana Chrystina Venanci (orgs.). **História de Vida e formação de professores**. Rio de Janeiro: FAPERJ, 2008, p. 247-259.

TEIXEIRA, Nageli Raguzzoni. Educação e mídia – a sala de aula como espaço de significações. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira; HERNÁNDEZ, Fernando (Orgs.). **A formação do professor e o ensino de artes visuais**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2005, p. 133-146.

TOURINHO, Irene. Educação estética, imagens e discursos: cruzamentos nos caminhos da prática escolar. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.) **Educação e cultura visual: narrativas de ensino e pesquisa**. Santa Maria: Ed. UFSM, 2009, pp. 141-156.

---

### Minicurrículo

Silvia Carla Marques Costa é Mestre em Cultura Visual, especialista em Arte educação em Instituições Culturais e professora da Universidade Federal do Amapá.